

Campo Grande é bairro rico mas sem planejamento

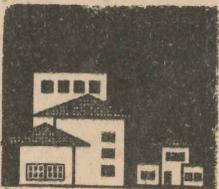
Cristina D'Avila

Campo Grande, o bairro mais rico de Cariacica, reflete hoje os contrastes de uma região que cresceu sem planejamento. O comércio, principal atividade econômica, e o setor de serviços dão vida própria a aquele centro. O mesmo, porém, não ocorre na área da saúde pública, por exemplo. Quem não tem acesso à medicina privada, dominante na região, é obrigado a se deslocar até Itacibá ou às unidades de assistência pública da capital, num caso de emergência, pois lá sequer existe um pronto-socorro ou um hospital do Governo.

Responsável por quase 80% da arrecadação de ICMS do município, em torno de Cr\$ 1,2 bilhão no mês de agosto, segundo a Prefeitura (PMC), o bairro se desenvolveu sem um projeto definido pelo poder público. O mais grave é que até hoje o município de Cariacica não possui seu Plano Diretor Urbano (PDU) para facilitar o planejamento de políticas públicas e disciplinar o uso e ocupação do solo. Um estudo feito pelos técnicos do Instituto Jones dos Santos Neves, há seis anos, sobre a elaboração de uma política de desenvolvimento urbano, foi esquecido ao longo do tempo. Para o próximo ano, o secretário de Planejamento de Cariacica, Jaime Pedro Ciríaco, afirma ser o PDU uma das prioridades.

Big Field, denominação em inglês de Campo Grande e usada por alguns moradores, é o bairro com menos problemas de infra-estrutura de Cariacica. É lá onde está localizada a área mais valorizada do município. O metro quadrado comercial mais caro fica na Avenida Expedito Garcia e gira na faixa dos Cr\$ 150.000,00. Na área residencial de Campo Grande, o metro quadrado custa cerca de Cr\$ 20 mil, por exemplo nas ruas Getúlio Vargas, Santana e Eurico Salles, segundo um dos sócios da Imobiliária Globo, José Venturim Neto.

Há 14 anos no mercado imobiliário, Venturim conta, com a experiência



Fotos de Chico Guedes

O trânsito de Campo Grande é um dos mais complicados por falta de sinalização e maior fiscalização



Na Rua Presidente Kennedy, a obra de calçamento está paralisada



Edgar, o mais antigo

Bairro era uma grande fazenda

As primeiras ocupações de Cariacica aconteceram em meados do século XVIII, com a vinda dos jesuítas. A formação do bairro de Campo Grande, no início uma grande fazenda, se dá a partir de 1938, com o surgimento dos primeiros loteamentos. Os moradores Edgar Gonçalves, 86 anos, e Francisco Antônio do Nascimento, 91 anos, lembram que quando chegaram em Campo Grande só existia mato.

Foi a Imobiliária Itacibá quem loteou o bairro, através de seu proprietário, Expedito Garcia, e Arthur Mazela, lembra, o comerciante aposentado Edgar Gonçalves, conhecido como **Olegarinho**. A maioria dos moradores de Campo Grande é do interior, descendente de imigrantes italianos e alemães.

Sua entrada na região foi intensificada com a erradicação do café, na década de 60. Nos anos 70, os grandes projetos instalados na região da Grande Vitória atraíram mais pessoas do interior, que vendiam seus negócios no campo e vinham morar na cidade. Como o custo de vida era alto em Vitória, eles se aglomeraram em Cariacica, onde os terrenos eram mais baratos. Muitas invasões e loteamentos ocorreram.

Como a mão-de-obra era desqualificada, esse contingente acabou não sendo absorvido pelo mercado de trabalho. Daí muitos montaram seu próprio comércio. E é por este motivo que esse setor é hoje a principal atividade econômica do bairro. Hoje, é possível encontrar marcas do passado convivendo com a nova Campo Grande.

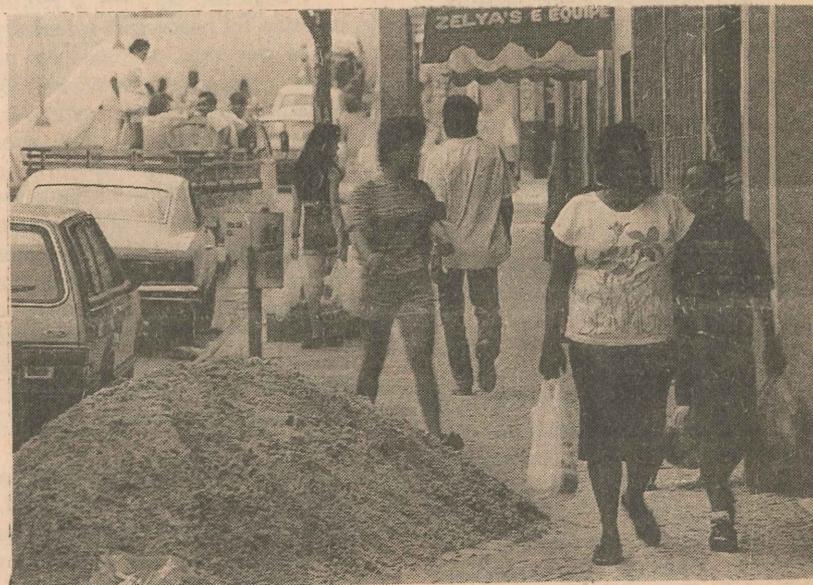
Há 14 anos no mercado imobiliário, Venturim conta, com a experiência de ser um dos pioneiros do ramo em Campo Grande, que 80% das famílias do bairro são donos de seu próprio teto. Até 1982, ele observa que as imobiliárias atuavam apenas vendendo imóveis, não existia o aluguel. Hoje, a oferta é pequena de imóveis residenciais e comerciais. A exceção fica por conta das salas comerciais. Algumas com até 90 metros quadrados podem ser alugadas por apenas Cr\$ 50 mil. Mesmo assim, este mercado vive uma baixa, nos dois últimos anos, com uma queda nos negócios de até 80%.

Localizado às margens da BR 262, Campo Grande tem uma área plana, onde está situada a Avenida Expedito Garcia, um corredor com 1.850 metros. Lá está concentrado todo o comércio e serviços do bairro, centro de compras movimentado de Cariacica e de Viana. Na parte alta (dois morros) fica a maioria das residências. Até 1975, lá não existia um único prédio, só casas baixas, a maioria de madeira. Uma característica do bairro são as construções multifamiliares, variando de dois a quatro pavimentos, e um terraço, que, com o tempo, acaba se tornando um andar de moradia. Em muitos desses prédios, o andar térreo é ocupado por um comércio. O edifício residencial mais alto tem 10 andares. As casas baixas dividem o espaço com os prédios.

A cinco quilômetros de Vitória, Campo Grande é considerada a sede de fato de Cariacica, seja pela forte atividade comercial, ou por sediar as instalações da Prefeitura. A Secretaria de Planejamento estima que cerca de 100 mil pessoas vivam no que ela define como a região da Grande Campo Grande, ligada a vários bairros vizinhos. O Plano de Desenvolvimento do Transporte Urbano da Grande Vitória (PDTU), de 1985, estima uma população para 1990 para Campo Grande e o Morro de Boa Vista em 20.080 pessoas, além de um crescimento populacional de 1985 para o ano 2.000 em 41%.

O progresso de Campo Grande torna o bairro cobiçado, principalmente pelos políticos. Desde o final da década de 70 foram inúmeras as tentativas de emancipar a região, que passaria a ter o status de município, anexada a 33

Na Rua Presidente Kennedy, a obra de calçamento está paralisada



Na Expedito Garcia, principal via do bairro, os entulhos atrapalham

bairros vizinhos. A proposta era criar o Novo Campo Grande, um município com dois terços do eleitorado de Cariacica. Vários abaixo assinados foram feitos, mas o sonho não saiu do papel. O processo de emancipação repousa hoje tranquilo no arquivo da Assembleia Legislativa.

O crescimento do bairro desperta os interesses dos políticos, mas os agentes do progresso na região são a gente simples do interior, que, principalmente, a partir dos anos 60, migrou para o município, garante um dos pioneiros do lugar. O comerciante aposentado Edgar Gonçalves, 86 anos, fala com a autoridade de quem atravessou seis décadas em Campo Grande. "Os políticos nada fizeram pelo bairro", conclui ele, ao ressaltar a atuação do ex-governador Carlos Lindenberg, responsável pela instalação das redes de água e luz.

E para um município que, em 12 anos, teve 10 prefeitos, a relação entre a Associação de Moradores de Campo Grande e a atual administração da Prefeitura não é nada amistosa. O vice-presidente da entidade, Francisco Nicoli, vê o bairro abandonado pelo poder público municipal. Por esta razão, a Associação decidiu ignorar a discussão do orçamento da Prefeitura para 92. "No ano passado o cadastramen-

to imobiliário de Cariacica (o atual é da década de 70) e a informatização da Prefeitura foram as prioridades, mas nada ocorreu na prática", conta, revoltado.

Nicoli cita o saneamento básico, a saúde e a educação como os setores mais carentes do bairro. A rede de drenagem pluvial é a mesma usada para o despejo dos esgotos, que são depositados sem nenhum tratamento nos rios da região. Na área da saúde, ele denuncia que os serviços estão nas mãos da rede particular (com um hospital e duas clínicas). Da rede conveniada com o Inamps, existe apenas o atendimento ambulatorial de um posto da Santa Casa de Misericórdia. Um outro posto do Iesp fica em Santa Fé mas fica fechado nos fins de semana e feriados, para a clientela.

Em termos de Educação, a precariedade fica por conta de vagas para o 2º grau. Somente o colégio Talma Sarmiento, da Prefeitura, oferece este tipo de ensino gratuito, diz o líder comunitário. A rede pública ao todo possui três escolas (a maioria com ensino de 1º grau), além de uma especial, destinada aos deficientes. A rede particular possui três estabelecimentos. "Quem quiser se preparar para um vestibular é obrigado a estudar em Vitória. Aqui não existem cursinhos, faculdade e

Edgar, o mais antigo

nem uma escola profissionalizante", reclama Nicoli. Outra carência refere-se à inexistência de creches públicas.

Os buracos e a ausência de drenagem e pavimentação fazem parte, também, da realidade de Campo Grande. Segundo Nicoli, a Rua Pio XII, onde passa o esgoto da cidade, está fechada ao trânsito de veículos há três anos, por que a falta de drenagem da pista fez com que as águas da chuva arrancassem a galeria e todo o calçamento. Já na Avenida Ministro Eurico Salles, o esgoto está aberto em frente a um hospital. Sem falar que na Rua Presidente Kennedy as chuvas levaram há 90 dias 20 metros do calçamento, mas até hoje o conserto não foi feito pela Prefeitura. Os buracos na principal avenida do bairro, a Expedito Garcia, para os moradores mostram o descaso da administração municipal.

As atividades de lazer em Campo Grande acontecem nos bares, pizzarias e na praça do Povo, recentemente inaugurada pela Prefeitura. Aos domingos, nessa praça, uma feira de artesanato com bebidas e comidas anima os moradores. Lá não existe cinema, teatro e nem uma biblioteca pública. No mês que vem, a Prefeitura promete inaugurar a praça Padre Gabriel, localizada ao lado da sede da administração. Em dezembro, deverão ser inaugurados um centro cultural e uma biblioteca municipal.

A Associação de Moradores informa que existe uma briga na Justiça entre a Prefeitura, o banco Itaú e o proprietário da Viação Planeta, Floriano Mendonça. Isto porque o terreno de três mil metros quadrados onde foi construída a Praça do Povo não foi desapropriado tendo como referência o valor do mercado. O secretário de Planejamento negou a possibilidade da praça vir a ser derrubada e os antigos donos do terreno evitaram falar com a imprensa sobre o assunto.

Um outro problema é a insegurança da rodovia BR-262 para os moradores de Campo Grande. Ela é mal sinalizada, sem iluminação, acostamentos e abrigos para os passageiros dos ônibus. Outro dado é que Campo Grande ainda não teve construído, pelo Governo do Estado, seu terminal de passageiros do Transcol.